# O CULTO AOS SANTOS NO OCIDENTE MEDIEVAL*

*EL CULTO A LOS SANTOS EN EL OCCIDENTE*

Henrique de Melo Kort Kamp†
https://orcid.org/0000-0002-5205-9173

SILVA, Andréia C. L. F.; SILVA, Leila R. da. **Mártires, confessores e virgens: o culto aos santos no Ocidente Medieval.** Série "A Igreja na História". Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

Desde meados do século XX, há um interesse crescente por temas e objetos de análise que introduziram os historiadores em um campo anteriormente quase exclusivo de áreas como a Antropologia, a Sociologia, a Literatura e a Filologia. A historiografia brasileira, não dissonante, tem partilhado desse avanço desde as últimas décadas do século passado, quando começou a ser introduzido, em trabalhos tupiniquins, esse novo olhar concedido a fontes históricas, assuntos e debates antes marginalizados.

É nesse contexto que se insere a coleção "A Igreja na História", publicada pela Editora Vozes. Coordenado pelos professores José D'Assunção Barros, Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva e Leila Rodrigues da Silva, o projeto se propõe a publicar obras de autores brasileiros que se dedicam ao estudo da História da Igreja e do Cristianismo a partir de olhares transversais aos múltiplos agentes históricos. O conjunto conta atualmente com três publicações: "Papas, imperadores e hereges na Idade Média" (2012), "Mitos papais – Política e imaginação na história" (2015) e "Mártires, confessores e virgens – O culto aos santos no Ocidente Medieval" (2016). É a essa última a qual dedicamos nossa atenção.

Organizada pelas professoras Andréia Frazão da Silva e Leila Rodrigues, a obra conta com contribuições valiosas de historiadores como Valtair Afonso Miranda, Paulo Duarte Silva e Carolina Coelho Fortes – além das próprias organizadoras, é claro. Em seu prefácio, o professor Ronaldo Amaral já deixa explícito o ponto forte dessa publicação: erudição sem complexidade. Não que as discussões travadas pelos autores ao longo dos textos não sejam

* Resenha recebido em: 11 de junho de 2019. Aceito em: 10 de dezembro de 2019.
† Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense. Autor correspondente. E-mail: hmkort_kamp@hotmail.com

importantes, cuidadosas e até mesmo complexas. O ápice do livro é justamente apresentar debates de alto nível com uma linguagem simples, acessível. Cumpre, assim, o papel anunciado na apresentação da coleção, quando José D'Assunção Barros destaca que ela é dedicada não apenas a um múltiplo público acadêmico – que engloba historiadores, teólogos, sociólogos e antropólogos à medida em que os temas discutidos lhes interessem –, como também ao público não-acadêmico. No livro, entretanto, não se banaliza a produção do conhecimento histórico, como em muitos "manuais" presentes no mercado editorial.

O primeiro capítulo do volume, nesse sentido, apresenta uma discussão sobre o martírio na perspectiva da longa duração. Sob o título "Mártires na Antiguidade e na Idade Média", Valtair Afonso Miranda leva a uma leitura multidisciplinar do tema na Antiguidade e no Medievo. Isso se deve principalmente a vastidão de sua formação, já que sendo teólogo, historiador e estudioso das Ciências da Religião, ele fornece uma sólida discussão do fenômeno do martírio a partir de suas práticas e representações milenaristas. Após a sua análise sobre a história de Bernardo e dos missionários franciscanos, Miranda consegue deixar nítido como a construção do estereótipo do herói a partir da característica de mártir é um exercício de poder e, principalmente, como refletir sobre o fenômeno do martírio auxilia a compreender as formas e dinâmicas de poder dentro da sociedade medieval.

Já no segundo capítulo, intitulado "Monges e literatura hagiográfica no início da Idade Média", Leia Rodrigues da Silva faz uma análise da vida e religiosidade monástica durante a Antiguidade Tardia e Alta Idade Média. A autora divide o texto em duas partes: primeiro, analisa a trajetória do fenômeno monástico desde as suas raízes eremíticas até os movimentos que consolidam o monacato na Península Itálica, na Península Ibérica e nas Gálias; em seguida, aborda o que ela chama de "bem-sucedida relação entre monacato e hagiografia" a partir da análise das vidas de São Bento, São Frutuoso e Santo Amando. O que Silva conclui após a sua argumentação é que o monasticismo no Ocidente não constituiu um movimento de contestação à organização eclesiástica, mas sim que suas características – dentre elas a produção hagiográfica – inseriam-se no contexto da cristianização dos reinos romano-germânicos.

O capítulo seguinte, de autoria de Paulo Duarte Silva, traz uma reflexão sobre "Santos e Episcopado na Península Ibérica". O autor discorre sobre a trajetória da santidade desde a Alta Idade Média até a Idade Média Central, mostrando como ao longo desse período o fenômeno da santidade caminhou ao lado e até confundiu-se com a própria estrutura da instituição eclesiástica. A partir de oito casos (Martinho de Braga, Isidoro de Sevilha, Rosendo de Celanova, Ato de Oda, Olegário de Tarragona, Bernardo Calvo de Vic, Agno de Saragoça e Berengário de Peralta), Silva apresenta uma série de elementos comuns e também novidades

nas histórias e aspectos da santidade desses personagens que viveram entre os séculos VI e XIII. O que se conclui ao final da leitura é que a santidade é um fenômeno construído social e historicamente, associado às formas e regimes de poder que se sobrepuseram ao longo do período medieval.

No quarto capítulo, dedicado a uma reflexão sobre "As ordens mendicantes e a santidade na Idade Média", Carolina Coelho Fortes discute o novo modelo de santidade: o mendicante. Para isso, a autora pontua que esse novo modelo está atrelado às transformações que aquela sociedade vem sofrendo: tornando-se essencialmente urbana desde o século XII, havia a necessidade de que o clero dialogasse diretamente com esse novo *modus vivendi*. Quem atende a essa necessidade são as ordens mendicantes, que adotam um estilo de vida totalmente oposto ao do monasticismo tradicional. Nesse sentido, Fortes disserta sobre a própria instituição da santidade medieval, abordando o surgimento das ordens mendicantes e a canonização de seus maiores expoentes (Domingos de Gusmão e Francisco de Assis).

No capítulo final, Andréia Cristina Frazão Lopes da Silva traz um olhar sobre a santidade sob o viés das discussões de gênero, dissertando sobre as "Mulheres e Santidade na Idade Média". A autora inicia seu texto fazendo ressalvas a duas interpretações comuns ao estudo da santidade feminina no medievo: a de que esse fenômeno cresceu exponencialmente a partir do século XII e a de que esse é um feito quase exclusivo desse período. Em seguida, ela seleciona personagens de diferentes séculos e lugares do Ocidente Medieval para fazer uma abordagem histórico-biográfica do fenômeno da santidade feminina e de seu papel na memória e religiosidade daquela sociedade. São elas: Santa Escolástica, Santa Radegunda, Santa Valpurga, Santa Oria, Santa Hildegarda de Bingen, Santa Clara de Assis e Santa Guglielma. Após a exposição, Silva finaliza destacando que embora não seja possível traçar um perfil único de santidade feminina e que a mulher continue a ser vista como mais fraca que os homens, é perceptível que um número crescente de mulheres passaram a ser admiradas por suas qualidades cristãs e a serem reconhecidas publicamente pela Igreja como santas. Isso reforça, segundo a autora, o aspecto socio-histórico da santidade, uma vez que o reconhecimento e culto a figuras femininas estava "em profunda conexão com diferentes conjunturas, anseios sociais e relações de poder".

Podemos concluir, portanto, que os artigos que dão forma ao livro levam a uma leitura sensível e profunda sobre a dinâmica histórica do fenômeno da santidade no Ocidente Medieval, como já havia destacado Ronaldo Amaral no prefácio da obra. Ao final da leitura, é possível ter ao norte o conjunto de questões que cercam a santidade medieval, desconstruindo a noção de este seja um fenômeno natural. Todos os autores, a partir de seus objetos, caminham no

sentido de mostrar como o processo de santificação de mártires, confessores e virgens na Idade Média faz parte de um projeto institucional que abarcou um movimento de massa: a adoração aos santos e às suas relíquias.